

"Se alguém pretender" — declarava Lenine, — "que o socialismo pode ser colimado sem nada aprender da burguesia, bem sei que isso corresponderá à psicologia de nativos da África Central. Só podemos admitir um socialismo que se baseie em tôdas as doutrinas de que nos pudermos apropriar da grande civilização capitalística". Com efeito, — acrescenta êle, — com uma firmeza bem categórica, o socialismo não é "uma invenção e sim a adoção e aplicação daquilo que foi criado pelos trusts".

E, como sempre, sua impaciência quiliástica não admitia delongas. "Temos de introduzir, imediatamente, o trabalho por peça e examinar atentamente suas vantagens! Temos de experimentar as iniciativas científicas e todos os progressos do sistema Taylor! A república dos soviets utilizará cada progresso que lhe ofereça vantagens. A realização da idéia socialista tornar-se-á fato consumado se conseguirmos aliar a supremacia dos soviets e de sua organização com os progressos mais adiantados feitos pelo capitalismo!"

Aos olhos do crente russo descorria-se, assim, dentro do futuro, um luminoso panorama. O capitalismo, graças às suas máquinas e a seus métodos de organização fizera crescer a produção de modo ilimitado, racionalizara a vida inteira e a submetera às suas previsões, porém reservara as vantagens dêste sistema a uma ínfima minoria de exploradores. Pelo contrário, no novo reino de salvação da Rússia comunista, a riqueza e a segurança garantidas pelas máquinas dispensadoras de bens e pela "previdência" organizadora tinham justamente de aproveitar aos pobres e aos necessitados. Porque aqui, as máquinas pertenceriam à classe operária e não aos capitalistas inimigos. O Estado saberia repartir o trabalho e os bens produzidos de tal maneira que ninguém precisasse sofrer privações e que as mercadorias em quantidade cada vez maior e de qualidade cada vez melhor ficassem ao alcance de TODOS.

Frederico Engels, no seu quadro utópico do Eden socialista, já atribuíra ao "plano da produção" um papel capital. Julgava que a sociedade, de acôrdo com os meios de produção existentes, teria de determinar cada vez, com antecedência, quais as quantidades de certas mercadorias que deveriam ser produzidas dentro do próximo espaço de tempo. Para isso, porém, o critério decisivo não devia ser, como na economia capitalista, o proveito dos patrões e sim a utilidade para a totalidade dos homens. Dêste modo, graças a uma organização metódica e racional da produção industrial, a humanidade achar-se-ia habilitada a proporcionar ao povo essa garantia permanente e infalível de todos os bens de importância vital que gerações anteriores rogaram, em vão, a uma providência divina. "Miséria" não é senão organização deficiente ou orientada por princípios falsos e egoístas.

Os russos, com todo o ardor de seu apaixonado desejo de salvação desiludido pela demora da transformação do mundo, atiraram-se imediatamente ao evangelho da técnica e de sua organização metódica.

A máquina não tardou a aparecer à sua alma ingenuamente entusiasta como um ser superior que, dotado de forças sobrehumanas, tinha, conformando-se à vontade do homem, de arrancar ao solo a prosperidade e, graças à multiplicidade de seus milhares de mãos, devia produzir em abundância os bens de que se precisava encarecidamente.

E' compreensível que nesse país pobre de indústrias e devastado pela guerra houvesse no princípio apenas poucos exemplares daqueles mecanismos milagrosos, compostos de uma multidão de engrenagens de aço reluzente. E, assim, cada telefone, cada máquina de escrever, tudo o que, de perto ou de longe, se relacionava com a técnica tornou-se para os bolchevistas ortodoxos, um objeto de admiração extática, alvo de verdadeira idolatria.

Em salões apropriados expuseram dúzias de modelos de máquinas, nas paredes penduravam plantas e perfís de turbogeradores, de foles para forjas ou de motores a óleo crú. Os visitantes permaneciam horas a fio em adoração ante aqueles "retratos do Deus-Máquina", como o faziam outrora diante das estátuas e dos ícones milagrosos dos santos.

Uma seita de "engenheiristas" levou a glorificação da máquina até transformá-la em verdadeiros "mistérios" orgiásticos "de máquinas". Um oratório de ruídos de máquinas servia para criar entre a assembléia, a atmosfera indispensável de recolhimento. Possante, reboava, vinda de alguma parte, a voz do dínamo. Em seguida, erguia-se uma crescente polifonia de rodas, bielias, eixos, serras circulares e burís de aço. Por último um cosmos de barulhos anunciava o evangelho da máquina. E, como nos antigos cultos dos mistérios, dansavam bailados simbólicos em honra da nova divindade. Os corpos dos "sacerdotes" e das "sacerdotizas" estremeciam, giravam e oscilavam "ao ritmo entrecortado das máquinas", até que os espectadores também, extasiados, tomassem parte na dança selvagem.

O culto professado na Rússia soviética à máquina não se limitou, porém, unicamente aos pavilhões das exposições ou aos templos duma comunidade de sectários fanáticos. Pelo contrário, apoderou-se, logo, de tôdas as manifestações da vida russa. Nos teatros, em substituição aos antigos bastidores, colocavam, agora, edificações de máquinas de madeira e de ferro. Os atores também deviam esforçar-se por salientar o que havia de mecânico nos movimentos humanos. Em resumo, o palco, segundo os programas dos novos ditadores artísticos, devia servir para a "demonstração social do mecanismo humano".

A fantasia também dos poetas soviéticos russos, dos pintores e dos escultores, viu-se anos inteiros, sob a influência dêste signo. Os líricos cantavam a "beleza das rodas", a "felicidade dos que podiam espreitar o seu zunir e ser admitidos no segrêdo de seu ininterrupto mistério"; cantavam as fábricas, as minas, os canais e as estradas de ferro; cantavam "Chicago", a "cidade mecânica eletro-dinâmica, construída em forma de espiral em tórno dum parafuso". Os pintores